

Boa Nova para cada dia / janeiro 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo do Natal – Santa Maria, Mãe de Deus / Epifania do Senhor / Batismo do Senhor

Tempo Comum – Conversão de S. Paulo, Apóstolo

TEMPO DO NATAL

Seg, 1 – Santa Maria, Mãe de Deus (Solenidade) – Ano B **Dia Mundial da Paz**

Num 6, 22-27 / Slm 66 (67), 2-3.5-6.8 / Gal 4, 4-7 / Lc 2, 16-21

A oitava de Natal conclui-se com a celebração da solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Hoje recordamos de modo especial a Mãe do nosso Salvador, é este imenso mistério que celebramos: Maria, uma de nós, é a Mãe de Deus. Com efeito, logo desde o início dos tempos da Igreja que se desenvolveu uma forte devoção a Nossa Senhora. Alguns cristãos consideravam exagerado chamar-lhe «Mãe de Deus» e achavam que era melhor chamar a Maria «Mãe de Jesus» ou, então, «Mãe de Cristo». A verdade é que a fé prevaleceu e Maria foi declarada por toda a Igreja como a «Mãe de Deus», a *«Theotokos»*.

Dizer que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus é consequência da certeza de que Jesus Cristo é verdadeiramente ho-

mem e verdadeiramente Deus. Ele é realmente um de nós! Ele é realmente Deus e quis ser um de nós verdadeiramente para que pudéssemos conhecer o seu grande Amor. Celebramos, portanto, Deus que Se compromete connosco, que toma a nossa parte, que atravessa connosco a vida e nunca nos abandona.

Na segunda leitura deste dia, S. Paulo mostra-nos que não tem dúvidas e diz-nos que a vinda de Jesus ao mundo assinala a «plenitude do tempo», isto é, antes de Jesus a história da humanidade ainda estava incompleta, faltava alguma coisa, viviam-se os tempos da espera. Agora que Deus Se fez um de nós, finalmente acabou a espera e sabemos que temos um Deus que é Amor. É essa a nossa finalidade, o nosso «des-

tino»: o Amor! O Filho de Deus faz-Se um de nós e faz de nós filhos por participação n'Ele. Esta é a nossa verdade que Ele revela, esta é a nossa salvação.

De nós que vivemos «nestes tempos que são os últimos», e que sabemos que somos filhos, espera-se que vivamos de acordo com a nossa condição de filhos de Deus. Somos continuamente libertados daquilo que nos escraviza. Maria, a nossa Mãe Santíssima, é verdadeiramente livre. Isto significa que não está sempre preocupada consigo mes-

ma e não tem de se afirmar a si mesma. Assim podemos medir a nossa liberdade: seremos tanto mais livres quanto menos estivermos preocupados connosco e com aquilo que os outros pensam de nós; se não estamos sempre à procura de nos satisfazermos a nós mesmos, então seremos *livres para amar*. Quem se deixa libertar pelo Amor olha à sua volta e vê irmãos e irmãs, filhos e filhas de Deus, e põe-se ao serviço.

Quem ama, serve os irmãos e quem serve os irmãos reconhece, com a vida, que é Filho de Deus.

Ter, 2 – S. BASÍLIO MAGNO E S. GREGÓRIO NAZIANZENO (Memória)

1 Jo 2, 22-28 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 1, 19-28

Eu sou a voz que clama no deserto. (Evang.)

É difícil, dói, clamar no deserto, se com isso significamos que dizemos coisas importantes a quem não nos liga. (Quantas vezes isso acontece nas famílias.) Sim, dói, mas podemos fazer com que isso faça crescer a nossa gratuidade. Nós oferecemos o nosso «dizer» e aceitamos que a outra pessoa o acate ou não, por muito que isso nos afete. Assim, falamos de maneira gratuita, quer dizer, estando desapegados do resultado. O leitor percebeu?

Qua, 3 – TEMPO DO NATAL

1 Jo 2, 29 – 3, 6 / Slm 97 (98), 1.3cd-4.5-6 / Jo 1, 29-34

E somo-lo de facto (filhos de Deus). (1ª Leit.)

É costume dizer-se de um filho que é parecido com o pai nisto ou naquilo. Terá alguma base genética e outra parte será do convívio

com o pai. Nós também temos as duas partes. A genética é a nossa alma, a do convívio é a que vem da oração. Daí que, forçosamente, tenhamos alguma parecença com o nosso Pai do Céu. Hoje, o leitor veja se tem alguma parecença com Deus.

Qui, 4 – TEMPO DO NATAL

1 Jo 3, 7-10 / Slm 97 (98), 1.7-9 / Jo 1, 35-42

E levou-o a Jesus. (Evang.)

André levou Pedro a Jesus. É uma evidência dizer-se que temos de levar Jesus uns aos outros. Provavelmente, também é uma evidência dizer-se que isso é difícil. Pode ser difícil por muitas razões, mas concentremo-nos numa: é difícil porque, para isso, muitas vezes temos de corrigir o outro e, para algumas personalidades, isso vai muito contra a pele. Peçamos essa coragem, peçamos a sabedoria do momento oportuno.

Sex, 5 – TEMPO DO NATAL / 1ª Sexta-Feira

1 Jo 3, 11-21 / Slm 99 (100), 2-5 / Jo 1, 43-51

Segue-Me. (Evang.)

O que é seguir Jesus? É seguir o amor, é seguir a verdade, é seguir a sinceridade, é seguir a transparência, a candura. Não estou só a dizer para amarmos. Estou a sugerir que sejamos sensíveis às pessoas, às circunstâncias, às alturas em que o amor se exprime. Muitas vezes, o amor não se exprime de uma maneira muito vistosa. Exprime-se no sorriso de um filho, de um neto, de um bisneto, na fraternidade de alguém da minha comunidade. Reparemos nesses momentos, que são momentos cheios de Deus.

Sáb, 6 – TEMPO DO NATAL / 1º Sábado

1 Jo 5, 5-13 / Slm 147, 12-15.19-20 / Mc 1, 7-11 ou Lc 3, 23-28 ou 23, 31-34.36.38

Estabeleceu a paz nas tuas fronteiras. (Salmo)

Peçamos a Deus que estabeleça a paz nas nossas fronteiras. Nas fronteiras entre o nosso interior e o nosso exterior. Que o nosso

interior controle o nosso exterior em paz. Que o nosso interior assimile o exterior (sentido inverso ao primeiro) em paz. Quero dizer, que sejamos coerentes: que não haja sobressaltos entre o interior e o exterior. O leitor peça essa graça.

Dom, 7 – Epifania do Senhor (Solenidade) – Ano B

Is 60, 1-6 / Slm 71 (72), 2.7-8.10-13 / Ef 3, 2-3a.5-6 / Mt 2, 1-12

Hoje celebramos a Solenidade da Epifania do Senhor. A palavra «Epifania», neste contexto, significa simplesmente «manifestação». Estamos a celebrar o nosso Deus que Se manifesta tal como é. As religiões pagãs relatam «epifanias» das divindades ou de outros enviados e estas são sempre manifestações extraordinárias de grande poder que deixam todos de boca aberta, com relâmpagos ou outros sinais cósmicos para indicar a força desse deus.

Jesus Cristo incarna e manifesta o imenso poder de Deus, que é o amor, numa criança, num menino indefeso, «em palhinhas deitado». Nada de sinais espetaculares aos nossos olhos, nada de cataclismos ou relâmpagos: simplesmente uma gruta, uma jovem mulher que acabou de dar à luz, o seu marido e um bebé. Foi assim que Deus decidiu entrar no mundo, esta foi a porta de entrada que escolheu.

No Evangelho de hoje, vemos

que entre os primeiros a encontrar Jesus, a reconhecer Deus feito homem naquele Menino estão os Magos. Estes tiveram de fazer um caminho interior para O reconhecerem. Para além da longa viagem que fizeram, eram de facto «magos vindos do Oriente», fizeram um percurso espiritual. Começaram por olhar para as estrelas e deixaram crescer em si o desejo de ver a Estrela. Com sede de conhecimento, passaram por Jerusalém e consultaram as Escrituras. Deixaram-se instruir pela Palavra e seguiram o caminho que esta lhes indicou.

Eles seguiam uma estrela, um sinal cósmico, mas foi na Escritura que se revelou aquilo que eles desejavam. A alegria que sentiram levou-os a adorar o Menino que encontraram na gruta em Belém.

Estes Magos mostram-nos que não basta saber para adorar. Herodes também sabia onde deveria nascer o *Rei dos Judeus*, mas

em vez de adorar, assassina inocentes. Ainda que conheçamos o local onde Ele nasceu, ainda que tenhamos feito uma peregrinação a Belém e conheçamos as Escrituras, isso não basta para aceitar a salvação. Temos, também nós, de fazer em primeira pessoa o percurso dos Magos. Atravessar a noite da dúvida por caminhos por vezes incertos, com medos, receios, incompreensões, mas preenchidos pelo desejo de *mais*, pelo desejo de *encontrar* o Senhor. Também nós, na nossa vida, seguimos uma estrela que às vezes é tão clara, mas outras parece desaparecer.

Na estrada da vida, a Estrela que nos guia está lá, à nossa frente, a indicar o caminho. Através da Palavra de Deus, podemos ir percebendo para onde nos quer guiar. Somos convidados a interrogar o Senhor e a deixarmo-nos interrogar por Ele. Se não estivermos atentos, podemos comportar-nos como Herodes e apagar do nosso coração a Estrela que nos guia.

Jesus é o Rei dos Judeus, é a luz para as nações, nasceu para todos em Belém de Judá. É Ele a luz da razão, a luz da revelação que nos conduz a Ele para que n'Ele encontremos a vida.

Seg, 8 - BATISMO DO SENHOR (Festa)

Is 42, 1-4.6-7 / Slm 28 (29), 1a.2.3ac-4.3b.9b-10 / Mc 1, 7-11

Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu. (Evang.)

Às vezes conversamos espiritualmente com alguém. Tenhamos a consciência que depois de nós vem Alguém mais forte que nós. Talvez no eco que aquela conversa vai ter na pessoa, talvez porque a pessoa vai comentar essa conversa com outra pessoa, talvez porque um dia o tema da conversa servirá para os escritos dessa pessoa ou porque a conversa muda o comportamento da pessoa. Os caminhos de Deus são insondáveis. Rezemos, com humildade, pelo fruto das nossas conversas.

TEMPO COMUM

Ter, 9 - SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sm 1, 9-20 / 1 Sm 2, 1.4-8 / Mc 1, 21-28

Ensinava com autoridade. (Evang.)

Dizia-me um jesuíta que é mais fácil ver onde não está o Espírito Santo do que onde está. Uma pessoa que pretende impor a sua opinião aos berros, enraivecida, «espumando», não tem o Espírito Santo com ela. Outra, que propõe a sua opinião de uma forma calma, «aceitando que não seja aceite», por muito importante que ache que essa ideia seja, estará mais próxima do Espírito Santo, de Deus. Quer isso dizer que esse tipo de apresentação mais tolerante de uma ideia implica que a sigamos? Não. Implicará, sim, que prestemos atenção à pessoa que a proferiu. Naquele momento, pelo menos, foi uma pessoa tocada pelo Espírito Santo. Talvez não nas ideias. Na atitude, com certeza.

Qua, 10 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 3.1-10.19-20 / Slm 39 (40), 2.5.7-8a.b-9.11 / Mc 1, 29-39

Ela começou a servi-los. (Evang.)

A sogra de Pedro estava reconhecida e começou a servir Jesus. Nós vamos servindo a Cristo e vamos estando reconhecidos mais ou menos ao mesmo tempo. Não podemos separar estas duas coisas, estes dois momentos. Mas é importante exercitarmos o reconhecimento e a oferta. Às vezes, a balança tende mais para o lado do pedir. Os pratos da balança devem estar mais ou menos equilibrados. O leitor é que sabe onde é que deve pôr mais peso. Agora só tem de pôr.

Qui, 11 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 4, 1-11 / Slm 43 (44), 10-11.14-15.24-25 / Mc 1, 40-45

Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote. (Evang.)

Talvez Jesus quisesse tocar o coração do sacerdote. Talvez o tivesse feito, talvez não. Nós sabemos que nem todos, entre a hierarquia religiosa judaica, eram contra Jesus. Peçamos a graça de sermos sinais de Deus para os outros. Peçamos a graça de a nossa humildade ser um sinal de Deus. E como é a nossa humildade, não nos vamos armar em sinal de Deus. É só deixarmo-nos estar humildes. Deus atuará através de nós.

Sex, 12 - SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 8, 4-7.10-22a / Slm 88 (89), 16-19 / Mc 2, 1-12

Não é só Deus que pode perdoar os pecados? (Evang.)

Sim, de certo ponto de vista. Mas nós também nos temos de perdoar. E isso pode ser muito difícil. Às vezes, há pecados que, embora confessados e perdoados, nos custa muito a perdoar a nós próprios. Outras vezes, são circunstâncias que, não sendo pecado, magoaram outras pessoas e nós nunca fomos capazes de nos perdoar. Entreguemo-nos completamente. Na oração de hoje, peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a curar as nossas feridas. E podemos acabar com a Consagração a Nossa Senhora.

Sáb, 13 - SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 9, 1-4.17-19; 10, 1a / Slm 20 (21), 2-7 / Mc 2, 13-17

Ele come com publicanos e pecadores. (Evang.)

Jesus estava a comer com os pecadores, em casa de um vendido à causa romana e ladrão dos seus compatriotas. Um grupo de gente posta de parte pela sociedade que «dava o tom». Muitas vezes, o nosso problema também é sair fora do tom, sair fora do que o grupo pensa, não seguindo assim a nossa consciência, mas acalmando o nosso medo. Agora, o leitor, na sua oração, pergunte-se: «Quando foi a última vez que isto se deu comigo?».

Dom, 14 - Domingo II do Tempo Comum - Ano B

1 Sam 3, 3b-10.19 / Slm 39 (40), 2.4ab.7-11 / 1 Cor 6, 13c-15a.17-20 / Jo 1, 35-42

A tradução litúrgica do Evangelho deste domingo começa, como habitualmente, com as palavras introdutórias «Naquele tempo...», mas se formos ver à Bíblia aparece: «No dia seguinte...». Esta passagem do Evangelho tem lugar no dia seguinte de al-

guma coisa importante. S. João Evangelista está a descrever uma semana da vida de Jesus e começa por apresentar, no primeiro dia, a pregação de S. João Batista, em que ele anuncia a vinda do Senhor dizendo que não é *digno de desatar as correias das*

suas sandálias. No segundo dia, Jesus é batizado e João, vendo-O, anuncia: «*Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*».

O Evangelho deste domingo passa-se «*no dia seguinte*» ao *Batismo*, à *manifestação ou epifania* do Senhor. Ao vê-Lo passar, João Batista dirige-se aos seus discípulos e diz: «Eis o cordeiro de Deus», *eis Aquele que esperamos*. E os discípulos seguem Jesus. João Batista dizia de si mesmo ser a *voz que proclama no deserto* e agora a *Voz encontra a Palavra*, por isso ele anuncia que quem está ali a passar vale a pena ser seguido. É a razão da sua própria existência. E começa assim a aventura destes dois discípulos: deixando o *anunciador* da vinda do Messias, seguem Jesus, o *anunciado* por João Batista, percorrendo o seu caminho.

Esta é a essência do ser cristão: percorrer o caminho que o Filho percorreu. Ser cristão não é seguir uma doutrina, uma série de regras ou de imperativos morais. É seguir uma Pessoa: o Filho de Deus, Jesus Cristo, o Nosso Senhor.

Ora, Jesus, vendo-os, pergunta-lhes: «Que pretendeis?». Ele não começa imediatamente a anunciar mandamentos e regras, mas

desafia-os. Assim é na nossa vida: seguir Jesus lança-nos sobretudo desafios que nos fazem tomar posição. A *Palavra* de Deus leva a que nos perguntemos: «O que é que eu quero verdadeiramente da vida? O que é que eu quero verdadeiramente do meu trabalho, das minhas relações? O que ando aqui a fazer?».

Todos nós somos habitados por um desejo, às vezes difícil de compreender, de uma vida plena e feliz, *uma vida abundante*, dirá mais tarde Jesus. Sem encontrar Aquele que é a *razão de ser da nossa esperança*, a vida fica *manca* e não encontramos a paz. Somos criados para o Amor e para amar. Sem Ele, estaremos sempre à procura. Será necessário todo o Evangelho para que os discípulos estejam prontos a passar da pergunta «que pretendeis?» à pergunta que Jesus resuscitado faz a Maria Madalena: «quem procuras?». Aquilo que procuramos, às vezes desesperadamente, ao longo da vida, não é um «o quê», mas um *Alguém*, o único que pode preencher o nosso espírito e dar-nos a vida abundante. Por isso, Jesus não dá uma resposta teórica à pergunta dos discípulos, mas convida-os a irem ver quem Ele é.

Ser discípulo de Jesus é isto: seguir um só mestre na vida, Jesus Cristo; e, tal como estes dois, que não resistem e vão logo anunciar aos outros que encontraram o Senhor, aqueles que O encon-

tram realmente na sua vida anunciam, mesmo sem usar palavras ou cartazes, que encontraram o Senhor, pelo modo como vivem e se comportam.

Seg, 15 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam 15, 16-23 / Slm 49 (50), 8-9.16bc-17.21.23 / Mc 2, 18-22

[Os companheiros do noivo] enquanto têm o noivo consigo não podem jejuar. (Evang.)

O banquete é um sinal do Céu. Na eucaristia, nós também temos a prefiguração de um banquete divino: uma refeição espiritual com pão e vinho que matam a fome e a sede de Deus. Tendo as duas espécies connosco, nunca mais teremos de jejuar, isto é, teremos «o noivo» sempre no meio de nós. Hoje, o leitor renove a sua devoção à Santíssima Eucaristia. Medite na Santíssima Eucaristia.

Ter, 16 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam 16, 1-13 / Slm 88 (89), 20-22.27-28 / Mc 2, 23-28

O sábado foi feito para o homem... (Evang.)

Sim, sabemos que as leis são feitas para o homem. São feitas para o Homem com letra grande. As leis são para serem assumidas ou rejeitadas, mas com consciência e reta intenção. Não são para nos escapulirmos a elas ou para as virarmos a nosso favor, se não foi para isso que elas foram feitas. Uma lei vem de fora, passa pelo nosso coração e transforma-se na nossa prática. Prática com o coração e a cabeça. Peçamos a reta intenção.

Qua, 17 – SANTO ANTÃO (Memória)

1 Sam 17, 32-33.37.40-51 / Slm 143 (144), 1-2.9-10 / Mc 3, 1-6

Entristecido com a dureza dos seus corações... (Evang.)

O problema de um coração duro é que não se dá por isso, por ser

duro. Um coração, para deixar de ser duro, precisa de humildade. Há pessoas incapazes de fazer uma autocrítica ou de ouvirem, já não digo uma crítica, mas a mais pequena observação, tal é o seu orgulho ou vaidade. E há aquelas pessoas que já não se critica porque já atingiram um tal estatuto que só se lhes faz vénias. Tudo isto são durezas de coração. Como é que o leitor reage a críticas?

Qui, 18 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam 18, 6-9; 19, 1-7 / Slm 55 (56), 2-3.9-10ab.10c-11.12-13 / Mc 3, 7-12

Todos os que sofriam de algum padecimento corriam para Ele. (Evang.)

E como é que reagimos quando Deus já não nos é agradável? Já não digo quando Deus não nos cura porque, muitas vezes, mesmo muitas, não nos cura. Mas, às vezes, a nossa oração seca. Torna-se-nos difícil rezar, parece que já não temos fé. A oração já não nos conforta. Como é que reagimos a esses tempos? Às vezes, não é bem a isso que temos de reagir, é ao facto de a oração não ter o grau de necessidade que tem o ir ao supermercado e, por isso, ser deixada para trás. Como reagimos a estas situações?

Sex, 19 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam 24, 3-21 / Slm 56 (57), 2-4.6.11 / Mc 3, 13-19

O Senhor entregou-me nas tuas mãos. (1ª Leit.)

O Senhor entrega-nos nas mãos de algumas pessoas. Nas mãos da nossa família, nas mãos dos nossos amigos. E há momentos de grande ternura, de grande carinho, que nos marcam para sempre. Há gestos que nos marcam para sempre. Hoje, lembremos essas ocasiões e agradeçamos por essas pessoas.

Sáb, 20 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

2 Sam 1, 1-4.11-12.19.23-27 / Slm 79 (80), 2.3.5-7 / Mc 3, 20.21

Está fora de Si. (Evang.)

A multidão acorria à casa de Jesus em tal número que Jesus não tinha tempo de comer e a família queria detê-Lo porque achava

que Ele estava fora de Si. Não parece que o facto de a multidão acorrer a casa de Jesus fosse sinal de Ele estar fora de Si, mas a família assim o entendeu. Hoje, pensemos nas ocasiões em que fomos injustiçados e rezemos por quem nos injustiçou, porque talvez ainda não o tenhamos feito.

Dom, 21 - Domingo III do Tempo Comum - Ano B

Jon 3, 1-5.10 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / 1 Cor 7, 29-31 / Mc 1, 14-20

«Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho». Estas são, no Evangelho segundo S. Marcos, as primeiras palavras que saem da boca de Jesus. São o resumo de tudo aquilo que Ele nos dirá ao longo da sua vida. Jesus começa a sua vida pública com duas constatações: «*cumpriu-se o tempo*» e «*está próximo o reino de Deus*», a que se seguem dois imperativos: «*arrependei-vos e acreditai no Evangelho*». É a chave de leitura de tudo o que virá a ser narrado ao longo do Evangelho. Isto é, *acabou-se o tempo da espera*, a salvação está junto de nós, já não falta cumprir-se mais nada. O reino de Deus já está presente, o bem já venceu e de cada um de nós espera-se que o acolhamos. Como? Convertendo-nos e acreditando na Boa Nova.

Na segunda parte do Evangelho deste domingo, vemos

que resposta dão aqueles que *se arrependem e acreditam no Evangelho*. «*Vinde Comigo*», diz Jesus a Simão e a André, que estavam a trabalhar. Assim, podemos ver que é no quotidiano da vida concreta destes dois irmãos que Jesus vem ao encontro deles. Ora, em Cristo, Deus faz-Se um de nós e vem à nossa procura, ao concreto da nossa vida, com uma proposta pessoal. Sendo Ele o nosso criador e sendo Amor, por sua iniciativa desafia-nos a segui-Lo, porque sabe aquilo que verdadeiramente realiza a nossa vida e nos traz a paz.

Estas duas descrições do chamamento de Jesus e da resposta dos discípulos mostram-nos que a fé é constituída, por um lado, pelo desafio que o Senhor coloca na nossa vida e, por outro, pela nossa resposta. Embora todos sejamos chamados a anunciar a Boa Nova aos outros, ninguém nos pode chamar no lugar de Jesus e nin-

guém pode responder no nosso lugar. Deus vem à nossa procura no concreto da nossa vida, desafiando-nos com a sua Palavra. Ele vem pessoalmente ao nosso encontro e convida-nos ao desafio de uma vida de intimidade com Ele. A fé joga-se, no fim de contas, na relação pessoal com o Senhor e, embora esta relação pessoal precise da comunidade para crescer e para se desenvolver, embora precisemos dos irmãos e das irmãs para nos reconhecermos como filhos de Deus, isto, por si só, não basta.

É tão importante reconhecer

que a nossa fé não é simplesmente acreditar que existe um Deus e cumprir uma série de preceitos, mas que consiste primeiramente na relação pessoal que estabelecemos com Jesus, o Nosso Salvador e Senhor, dentro de uma comunidade. Esta relação de amor tem consequências práticas na nossa vida que se exprimem, por exemplo, no cumprir de mandamentos, regras e preceitos.

Ter fé é saber-se pessoalmente salvo por Jesus, aderindo a um corpo de irmãos e irmãs.

Seg, 22 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

2 Sam 5, 1-7.10 / Slm 88 (89), 20-22.25-26 / Mc 3, 22-30

Impus uma coroa a um herói. (Salmo)

Há pessoas que se entregam ao outro e a Deus de forma heróica. Podemos pensar desde logo na Madre Teresa, mas há pessoas que fazem isso no anonimato das suas casas. E o leitor? O que faz para ser um herói? Provavelmente, nada. Ou, então, achará que já é herói suficiente. Mas pense: se Deus lhe dissesse «quero que te tornes num herói para Mim», o que mudaria?

Ter, 23 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

2 Sam 6, 12b-15.17-19 / Slm 23 (24), 7-10 / Mc 3, 31-35

Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe. (Evang.)

Desta maneira, todos pertencemos à família dos que tentam fazer a vontade de Deus. Pertencer à família de Deus é uma coisa

extraordinária. O leitor já pensou? Pertencer à família de Deus? Parece uma coisa nova e, no entanto, não é. Somos filhos de Deus e de Nossa Senhora. E como é que nos comportamos, filhos de Deus que somos? Como é que anda o nosso amor a Deus?

Qua, 24 – S. FRANCISCO DE SALES (Memória)

2 Sam 7, 4-17 / Slm 88 (89), 4-5.27-30 / Mc 4, 1-20

Vós sois meu pai, meu Deus, meu salvador. (Salmo)

Note o leitor que estamos no Antigo Testamento e já temos uma imagem de Deus como Pai. Outra de Deus como salvador que esmaga os inimigos. Jesus virá confirmar que Deus é Pai, mas um Pai que, ao invés de esmagar os inimigos, nos manda amar os inimigos. É um Pai com uma grande pedagogia, um Pai que nos acolhe e que, em nos acolhendo, nos ensina a acolher. O leitor acolhe fora da sua família? Quem?

Qui, 25 – CONVERSÃO DE S. PAULO, Apóstolo (Festa)

At 22, 3-16 / Slm 116 (117), 1.2 / Mc 16, 15-20

Era tão zeloso no serviço de Deus... (1ª Leit.)

Paulo era extraordinariamente zeloso tanto na sua vida antiga – caso que a citação de hoje contempla – como depois da sua conversão. Nós também temos de ser zelosos. Uns seremos mais parecidos a S. Paulo, tipo linha reta. Outros mais como S. Pedro, tipo linha quebrada. Mas todos nos dirigimos para o mesmo fim. O importante é nunca desistirmos. Se cairmos, levantarmo-nos e continuarmos a andar, visando sempre um fim. O leitor tenha sempre um objetivo (espiritual) em vista.

Sex, 26 – S. TIMÓTEO E S. TITO (Memória)

2 Sam 11, 1-10.13-17 / Slm 50 (51), 3-7.10-11 / Mc 4, 26-34

Lavai-me de toda a iniquidade. (Salmo)

Geralmente, associamos a água à purificação. Um dos instrumentos da purificação, para o cristão, é a confissão. Mas a

confissão tem de ser bem feita. Diz-se que a confissão bem feita implica o propósito de emenda. Sim. Mas também devia implicar o propósito de progressão – a emenda já é uma progressão. Se nos confessamos sempre da mesma coisa é porque não progredimos muito. Não queremos? Não sabemos? Não temos quem nos ajude? Nem sequer procuramos? Qual é a situação do leitor? Quer progredir? Vai progredir?

Sáb, 27 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

2 Sam 12, 1-7a.10-17 / Slm 50 (51), 12-17 / Mc 4, 35-41

Porque estais tão assustados? (Evang.)

Os discípulos estavam assustados porque tinham medo. Jesus dizia-lhes que eles não tinham de ter medo porque Ele estava com eles. E o leitor, tem medo? Com certeza, tem. E Jesus não está consigo? Claro que está. Mas Jesus não nos tira o medo. Não, Jesus não nos tira o medo, mas suaviza-nos o medo. A relação com Deus suaviza-nos o medo, o sofrimento. Hoje, o leitor peça a graça de Jesus lhe suavizar o medo.

Dom, 28 – Domingo IV do Tempo Comum – Ano B

Deut 18, 15-20 / Slm 94 (95), 1-2.6-9 / 1 Cor 7, 32-35 / Mc 1, 21-28

O Evangelho de hoje mostra-nos Jesus na sinagoga, em Cafarnaum, onde faz o primeiro milagre. Isto passa-se num «sábado», que é o *Dia do Senhor*, quando Jesus estava a ensinar, e diz o Evangelho que todos ficavam *maravilhados* com aquilo que Ele ensinava. Ficar maravilhado diante de alguém é o primeiro passo para mergulhar no conhecimento dessa pessoa: se alguém fala e isso nos *maravilha*,

queremos imediatamente falar com essa pessoa, saber quem é e porque fala assim de modo cativante. A «*maravilha*» abre-nos ao acolhimento do outro e à «novidade» que ele nos possa trazer.

Ficar «*maravilhado*» é a porta para a sabedoria, muito diferente da mera «curiosidade», que nos leva a querer saber mais sobre as coisas para as podermos usar melhor. Na verdade, se lermos o Evangelho e

não ficarmos *maravilhados*, tal como ficaram os habitantes de Cafarnaum, ainda não percebemos nem acolhemos verdadeiramente a Boa-Nova na nossa vida. Se ficarmos só *curiosos*, então o Evangelho é uma mera formalidade externa e sem conseqüências no concreto da vida.

Jesus é a Palavra viva de Deus e ensina aquilo que Ele é. Se nos abriremos, Ele entra no nosso coração e toca a nossa intimidade, move-nos consolando ou convidando à conversão. A Palavra de Deus nunca é inerte, neutra ou indiferente. Se a escutarmos com coração disponível, *maravilha-nos* e conduz-nos à salvação. Os escribas falavam da Palavra de Deus como de alguma coisa que aprenderam na escola e, por isso, as suas palavras não tinham autoridade, mas Jesus falava daquilo que Ele mesmo é: as suas palavras e a sua vida estavam de tal maneira sintonizadas que Ele «ensinava com autoridade», a autoridade de Deus.

É interessante que o primeiro milagre seja um exorcismo. S. Marcos começa por nos dizer

quem é Jesus, Aquele que ensina com a autoridade de Deus, e agora diz-nos resumidamente aquilo que Ele faz por nós: com a força da sua Palavra, liberta-nos do mal. Liberta-nos da escravidão do mal para sermos *livres para acreditar*, livres para amar. O Senhor bem sabe que sozinhos nos perdemos em falsas aparências: caímos nas tentações do ter, do poder e do aparecer. Daqui se segue a crescente insatisfação e falta de estima por nós mesmos que levam a egoísmos, solidões, angústias, etc. Estas coisas são, muitas vezes, reflexo de escravidões e falsas imagens negativas de nós mesmos.

Este *exorcismo* que nos é apresentado no Evangelho é sinal da vinda do Senhor, da presença do reino de Deus, do fim da escravidão. Indica a presença do bem e a certeza de que o mal não tem força para vencer. Assim, aceitando a Palavra, isto é, deixando-nos maravilhar por Ela, somos libertados do mal e capazes de amar tal como somos amados.

Seg, 29 - SEMANA IV DO TEMPO COMUM

2 Sam 15, 13-14.30; 16, 5-13a / Slm 3, 2-7 / Mc 5, 1-20

[O espírito impuro] despedaçava os grilhões e quebrava as cadeias. (1ª Leit.)

De fúria. Nós também despedaçamos alguns grilhões. Às vezes, por fraqueza, porque não aguentamos mais a tensão de uma tentação. Outras vezes, por fúria (exterior ou interior). Outras vezes, porque resolvemos uma tensão, superando-a. A nossa vida tem sempre alguma tensão. A relação amorosa, que não necessariamente a romântica, gera tensão. O crescimento implica tensão. Hoje, peçamos a Deus que nos acompanhe nos momentos de tensão.

Ter, 30 - SEMANA IV DO TEMPO COMUM

2 Sam 18, 9-10.14b.24-25a.30 - 19, 3 / Slm 85 (86), 1-6 / Mc 5, 21-43

Jesus era seguido por uma multidão que O apertava por todos os lados. (Evang.)

Deixemo-nos «apertar pela multidão». Deixemos que a «multidão» tire de nós o que precisa. Estejamos à disposição daqueles com quem não simpatizamos. Isso é muito difícil. Tão difícil que normalmente não o fazemos. Somos relutantes em seguir uma ideia de uma pessoa de quem não gostamos. Estejamos atentos a essa nossa relutância. Percebamos em relação a quem é que temos relutância em nos pormos à disposição. Aquela pessoa com quem não simpatizamos nada, que nos causa engulhos. Quem é?

Qua, 31 - S. JOÃO BOSCO (Memória)

2 Sam 24, 2.8b-17 / Slm 31 (32), 1-2.5-7 / Mc 6, 1-6

Não é Ele o carpinteiro? (Evang.)

Jesus não podia realizar milagres prodigiosos porque era carpinteiro. Nós achamos que uma pessoa que nos é antipática não pode realizar coisas boas. A mesma coisa do Partido Comunista: o Partido Comunista nunca pode fazer coisas boas. Um sem-abrigo é sempre uma ameaça. Um imposto é sempre algo a escapar. Vivemos cheios de preconceitos e não pensamos com uma alma cristã. Não pensamos pela NOSSA cabeça cristã mas pela cabeça dos outros. O leitor reze para ter convicções cristãs e suas.